

MARIA FIRMINA DOS REIS

FERNANDES, Fernanda. Maria Firmina dos Reis: vida, obra e curiosidades sobre a escritora, 2020. Disponível em:

<http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/16721-maria-firmina-dos-reis-vida,-obra-e-curiosidades-sobre-a-escritora>. Acesso em: 13 fev. 2021.

BOUZADA, Maria Angélica. Maria Firmina dos Reis, primeira autora brasileira. Biblioteca nacional, 2020. Disponível em:

<https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/maria-firmina-reis-primeira-autora-brasileira>. Acesso em: 13 fev. 2021.

D'ANGELO, Helô. Quem foi Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista brasileira. Cult, 2017. Disponível em:

<https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis/>. Acesso em: 12 fev. 2021.

Kárita Ferraz das Chagas, Professora de Língua Portuguesa – IDEAL, Brasília. 2021.

A primeira Romancista brasileira, Maria Firmina dos Reis, seria uma grande mulher! Natural de São Luiz, capital de Maranhão, não à toa, veio ao mundo no dia da Proclamação da Independência do país, 11 de março de 1822. Veio de uma família comum da época, sua mãe, Leonor Felippa dos Reis, uma escrava alforriada. Registrada sob o nome de pai ilegítimo, chamado João Pedro Esteves, um homem rico, e sócio do Comendador Caetano José Teixeira; a quem sua mãe serviu. Antes cedo do que pudesse prever, ficou órfão apenas com 5 anos, e então se viu obrigada a ir morar com sua tia materna na cidade de Guimarães, no interior do Maranhão.

Mas desde então, se viu inspirada pelo universo literário. Quando mais jovem, estreitou suas vivências com referências culturais, e também parentes ligados ao meio cultural. Como a um dos mais populares gramáticos, Sotero dos Reis. Anos mais tarde, Firmina não havia desistido do sonho das letras, e após se tornar professora, foi aprovada no concurso de Primeiras Letras.

Assim, como de costume, a cidade festejava os mais novos aprovados, fazendo um desfile por toda ela, os carregando nas costas, por homens pretos escravizados. Ela, com muita fúria e força, se recusou a participar desse circo de horrores. Esse foi um, dos muitos protestos que viriam ao longo da sua marcante trajetória — Escravos não são bichos para levar pessoas montadas neles.

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e sempre será um grande mal. [...] O escravo é olhado por todos como vítima – e o é. O senhor, que papel representa na opinião social? O senhor é o verdugo – e esta qualificação é hedionda”, diz um trecho da obra, *A Escrava*.

Usava as letras como arma de revolta, daí se torna a primeira mulher preta brasileira a lançar um romance, e uma referência feminina contra a escravidão. O dia 11 de agosto de 1860 foi estrondoso, pois assim que se folheava as primeiras páginas do jornal *A Moderação*, já se via estampado o título *Úrsula*, nome que carregou a capa de sua primeira obra. Continuamente, décadas mais tarde, ela ainda seria considerada o primeiro ponta pé na luta antiescravista na literatura, em todos os países de Língua Portuguesa. Até antes de outros contadores de história, como Castro Alves, com sua obra *Navio negreiro (1880)*, ou de Bernardo Guimarães, com *A Escrava Isaura*. Mulheres não podiam assinar seus próprios nomes, pois nesses tempos distantes, no século XIX, apenas homens tinham esse direito. Por isso, assinou apenas como *A Maranhense*, mostrando suas bandeiras a favor das mulheres e o povo preto, que eram injustiçados e oprimidos. *Africana Preta Susana*, uma das personagens de *Úrsula*, trazia pensamentos como este:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras. [...] É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos!

Maria Firmina era grande! Formou-se professora, mas também era poeta e contista, e como se não bastasse também publicou ficção, crônicas e até charadas. Mas parte das suas paixões foi ser uma forte influência na educação, e formou a primeira escola mista, que era onde meninos e meninas estudavam

juntos; a primeira do estado, e uma das primeiras do país. Naquela época, haviam apenas outras, onde se estudava separados. E foi o maior burburinho na cidade de Maçaricó — Maranhão —, pois era novidade que famílias que não podiam pagar pelos estudos vissem suas crianças aprendendo. Mas logo depois de dois anos e meio fecharam as portas, pois muitos não concordaram que aprender juntos, independente se fosse menino ou menina, não era mal algum. E algum tempo depois — 1888 — se firmou o acordo, chamado Lei Áurea, que não mais escravizariam pessoas pretas, pois assim como ela, outras do mesmo povo tornaram essa realidade parte do passado.

Muitas outras histórias guardavam Firmina nos punhos, e uma das mais especiais era Gupeva, lançada em 1861, que em formato de conto trata a história desse indígena, que faz parte do primeiro povo do Brasil; e de sua filha que se chamava Épica. As páginas mostram como a personagem se apaixonou por um marinheiro francês Gastão, descobrindo tempos mais tarde que era seu irmão, gerado de sua mãe, já falecida, com um conde francês.

Outra boa história de Firmina é *Cantos à beira-mar*, sendo publicado uma década depois, em 1871. O livro é uma junção de 56 poemas, que é uma homenagem à mulher de sua vida, Leonor Felippa dos Reis, sua mãe. A autora passou toda a vida na cidade litorânea de Guimarães, inspirada pela praia e o mar. A última publicação foi um conto, chamado *A Escrava*, lá em 1887, e aqui ela demonstra uma postura firme, assim como seu próprio nome, para dar voz às mulheres escravizadas, e como assim também eram, a libertação delas. Carregando a nossa atenção aos castigos físicos que elas sofriam, a ausência de liberdade, e a mais cruel das punições, a separação de mães e filhos. É uma história de terror, mas que já foram fatos reais.

Maria Firmina dos Reis, como seu próprio nome diz; a que questionava os líderes, e recusava qualquer palavra que não fosse a igualdade e liberdade de todos. Morreu aos 95 anos, já na beirada de 1917, quando já lhe faltava a visão para enxergar a mudança que suas obras fariam no próprio país. Para todos que foram, são, e chegarão, que essas palavras não se deixem apagar, pois foram os passos iniciais desse caminho, para que hoje o reconheçamos como um lugar que abriga menos injustiças, ainda que presentes, o nosso Brasil:

"Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. (...) Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo."